

Cultura e Conflito

As Humanidades e as Ciências

Dois Modos de Ver o Mundo

[coord.] M. Laura Bettencourt Pires

Maria Alexandre Bettencourt Pires



Universidade Católica Editora

As Humanidades e as Ciências
Dois Modos de Ver o Mundo

Catálogo recomendada

AS HUMANIDADES E AS CIÊNCIAS

As humanidades e as ciências : dois modos de ver o mundo / org. [de] Maria Laura Pires, Maria Alexandre Bettencourt Pires. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2013. – 208 p. ; 23 cm

(Estudos de comunicação e cultura. Cultura e conflito)

ISBN 978-972-54-0395-2

I – PIRES, Maria Laura, org. II – PIRES, Maria Alexandre Bettencourt, org. III – Col.

CDU 61:7

61:3

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/ELT/UI0126/2011

© Universidade Católica Editora | Lisboa 2013

Edição: Universidade Católica Editora, Unipessoal, Lda.

Revisão editorial: António Brás

Capa: OMLET Design

Composição gráfica: Europress, Lda.

Data: Outubro 2013

Depósito Legal: 365485/13

ISBN: 978-972-54-0395-2

Universidade Católica Editora

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 | fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Imagem da Capa: Fusão de Dois Mundos, António Flores, 2004 (Pintor português contemporâneo).

Direitos de autor n.º 381/2012. Contacto: arte.af@gmail.com

As Humanidades e as Ciências

Dois Modos de Ver o Mundo

coordenação **M. Laura Bettencourt Pires**
M. Alexandre Bettencourt Pires



Universidade Católica Editora

Dedicamos esta obra aos nossos colegas que considerem que retiraram algum benefício da sua leitura, esperando que venham a dar continuidade ao nosso trabalho em prol do desenvolvimento de uma nova epistemologia acadêmica.

Índice

Apresentação <i>Maria Alexandre Bettencourt Pires</i>	9
Introdução <i>Maria Laura Bettencourt Pires</i>	13
I – As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo	25
Uma Revolução Silenciosa – A Emergência da Cultura Visual da Medicina no Ocidente <i>Manuel Valente Alves</i>	27
As Mãos na Arte e na Medicina <i>Maria Alexandre Bettencourt Pires</i>	41
O Visível e o Invisível: A Interpretação da Imagem em Medicina <i>Ana Gomes de Almeida</i>	65
Desigualdade e Progresso: Inimigos ou Aliados? <i>Nicolás F. Lori, João R. Caetano</i>	75
Economia: Um Modo de Ver o Mundo <i>Günter Hierneis</i>	95
As Mãos e os Duplos (Gêmeos Siameses), na Arte e na Medicina <i>Gerald Bär</i>	117
“I shall be good health for you nevertheless, / And filter and fibre for your blood.” Poetry, Health and the Body in Walt Whitman <i>Lara Duarte</i>	131
“O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo” ou a presença (da Política) do espírito na nova “Nação” Portuguesa nas décadas de Trinta e Quarenta <i>Cândida Cadavez</i>	149
In Memoriam <i>Maria Laura Bettencourt Pires</i>	167

II – Reflexões sobre o tema	169
Art – A “Way of Seeing the World” <i>Ana Paula Machado</i>	171
Alguns Comentários sobre “As Mãos na Arte e na Medicina” <i>Günter Hierneis</i>	185
As Mãos na Anatomia Artística <i>Isabel Ritto</i>	191
A Importância das Mãos na Cultura Oriental <i>João Pedro Ribeiro Moreira</i>	195
Breves Apontamentos sobre a Recontextualização da Ciência <i>Ana Maria Costa Lopes</i>	197
III – Notas Biográficas	205

N. B. Por decisão unânime os autores que escrevem em Português não seguem o Novo Acordo Ortográfico e, por preferência de três dos colaboradores, temos textos escritos em Inglês e em Português do Brasil.

As Mãos e os Duplos (Gêmeos Siameses), na Arte e na Medicina

GERALD BÄR*

Quando assisti à palestra *As Mãos, na Arte e na Medicina*, proferida pela Professora Maria Alexandre Bettencourt Pires além do tema “Anatomia Funcional da Mão”, algumas das imagens apresentadas despertaram o meu particular interesse. Tendo intensificado a minha investigação nas áreas das literaturas comparadas e estudos de cinema nos últimos anos, seguindo os conselhos da editora deste volume (orientadora da minha tese de doutoramento), a simbologia inerente não me era estranha. E como o Colóquio estava subordinado ao tema da *Recontextualização da Ciência sob a Perspectiva Humanística*, tomo a liberdade de acrescentar algumas observações aos comentários que fiz na altura relativamente ao excelente e inspirador contributo da nossa colega da área da medicina. Partindo das mãos, instrumento divino que opera em pares, tenciono introduzir ao leitor benevolente a problemática do duplo literário no seu ponto de encontro com a medicina e regressar à mesma temática via imagem em movimento.

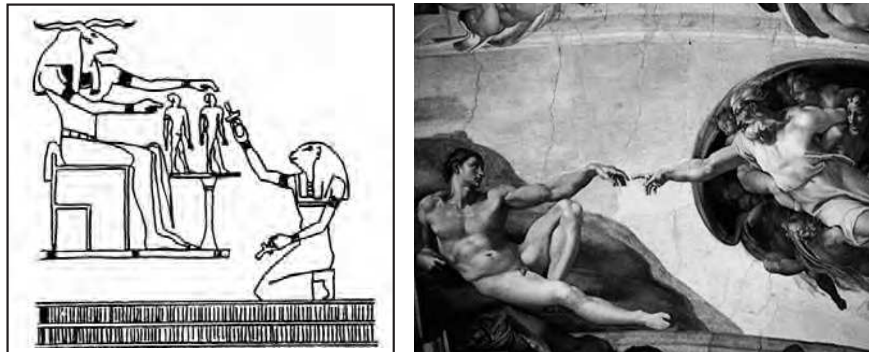
Com toda a razão, Maria Alexandre Pires frisou a importância filogenética e ontogenética da mão, sobretudo a “singularidade de capacidade funcional do dedo polegar”. Na obra *Spectacle de la Nature, or Nature Display'd. Being Discourses on such particulars of Natural History as were thought most proper to Excite the Curiosity and Form the Minds of Youth* (1753) a mão faz parte de uma estratégia (Teodiceia) que prova a superioridade da espécie humana que, segundo o plano divino, é governadora da terra. Recorrendo a princípios mecanicistas (cf. La Mettrie, *L'homme machine*, 1749), esta estratégia tenta justificar a posição privilegiada do *Homo Sapiens* na criação pelas suas qualidades físicas, intelectuais, imaginativas, pelo aparelho dos sentidos, etc. Neste contexto, o Diálogo III: “Man considered as Governor; proved from the Proportions, and Excellence of the human Body” expõe também a importante função da mão:

That Hand, so very weak to Appearance, that Hand which would be but faint, or even bruise itself, if it struck immediately upon Stones and Metalls, needs but direct a few Pieces of Wood or Iron towards mastering all Things, and rendering them useful by a just Correspondence.

* Universidade Aberta.

[...] But the Hand of a Man, perhaps, meets with so much Success only when it acts upon Matters void of Sense. What Contradiction does it not experience from Animals? This Resistance, far from disgracing the Hand of Man, infinitely heightens the Merit and Value of it (*Spectacle de la Nature*, 1753, V: 30-31).

De facto, já encontramos “as mãos” no antigo Egito nas várias representações do “Ka”. O “Ka” pode ser definido como “a força vital”, uma componente do espírito humano, um princípio ou elemento metafísico, imaterial, invisível e volátil que permitia assegurar a sobrevivência dos homens neste mundo e lhes garantia a vida eterna no outro. Este fenómeno, comparável com a alma cristã, era representado por um hieróglifo com um par de braços erguidos. Até na interpretação pictorial do mito da criação do homem de proveniência bíblica por Michelangelo o encontro das mãos tem o papel de transmissão de algo divino, estando no centro do fresco.



Mas estes dois mitos implicam outro fenómeno que liga a medicina com as artes: o duplo.

Segundo John Taylor (2001: 18-20), os Egípcios acreditavam que a sobrevivência após a morte dependia principalmente da preservação do corpo físico, além disso, todo o material que o morto iria necessitar para o corpo e para o “Ka”, deveria ser provido. Daí a sua preocupação na construção dos túmulos, pois estes eram os seus castelos para a eternidade e deveriam durar para todo o sempre. Como o “Ka” nascia com o ser, era encarado como um duplo, uma réplica da personagem principal, aparecendo em tamanho reduzido, mostrando duas versões da mesma pessoa. A imagem encontrada nas paredes interiores do templo de Hatchepsut ilustra, além da função transmissiva divina das mãos, esta ideia de duplicação.

O aspecto que se identifica com o conceito do duplo, nos capítulos 1 e 2 da Bíblia (*Génesis*), é a criação do homem à imagem de Deus e da mulher através da extracção de uma parte de matéria orgânica (costela) do homem. Hoje em

dia poderíamos associá-lo ao processo de “clonagem”. Trata-se, assim, de um processo de fragmentação, que produz duas entidades a partir de uma, e que tendem a completar-se.

O Deus Janus dos antigos Romanos com as duas faces também pode ser considerado outra vertente deste fenómeno.



Janus, Vaticano

Este Deus dos (bons) inícios e transições, do tempo e da terminação é normalmente retratado com duas faces, porque vê tanto o futuro como o passado. Faz lembrar o fenómeno dos gémeos siameses que fomentaram muito a especulação na medicina até à actualidade da clonagem terapêutica. No final do século XVIII influenciou a criação do neologismo alemão “Doppelgänger”, utilizado pela primeira vez pelo autor alemão Jean Paul [Richter]. Em Português o significado desta expressão abrange a semântica de “sósia” e “duplo”¹, mas também pode ser considerado uma aparição ou um fantasma de uma pessoa viva. No seu romance *Siebenkäs* (1796)², Jean Paul definiu o conceito “Doppelgänger” como pessoas que se vêem a si próprias. Esta primeira definição implica aspectos de introspecção e exteriorização (projecção) do mundo interior, mas foi inspirada pela constelação estranha de duas pessoas, personalidades e almas(?) no mesmo corpo. Em *Die Doppeltgänger* (1800), o mesmo autor afirma que o seu conceito está ligado ao fenómeno dos gémeos siameses (“Koppelzwillinge”). Nesta alegoria Jean Paul descreve dois homens com feitios completamente opostos cujas cabeças e costas são inseparáveis. O comando deste corpo partilhado muda alternadamente a cada dia. Esta ideia grotesca antecipa, por exemplo, a personalidade que alterna de Jekyll para Hyde no conto *The Strange Case of*

¹ Cf. *E-Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia (<http://www.edtl.com.pt/>).

² *Blumen-, Frucht- und Dornenstücke oder Ehestand, Tod und Hochzeit des Armenadvokaten F. St. Siebenkäs im Reichsmarktflücken Kuhschnappel*, Berlin: Carl Matzdorff, 1797.

Dr Jekyll and Mr Hyde (1886), de Robert L. Stevenson, que interessa outros ramos da medicina, nomeadamente a psicologia e a psicanálise³.

O fenómeno dos “Koppelzwillinge”⁴ foi conhecido e estudado muito antes do século XVIII; os seus fetos foram exibidos como monstruosidades humanas em numerosos gabinetes de curiosidades e o processo da sua separação significava desde sempre um grande desafio para a cirurgia. Da Escócia do século XVI foi conhecido um caso de dois seres masculinos que nasceram com parte da coluna vertebral e os membros inferiores do corpo em comum. A pedido do Rei receberam aulas de música, canção (duetos) e línguas. Supostamente falavam Latim, Francês, Italiano, Espanhol, Neerlandês, Inglês e Irlandês (gaélico), viveram até aos 28 anos e morreram de uma forma terrível. Buchanan confirma

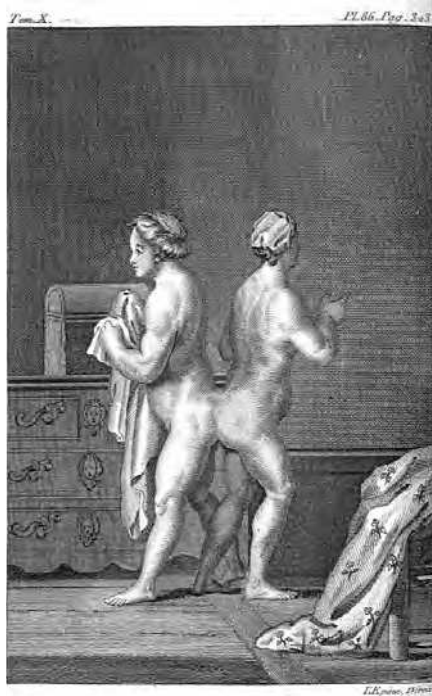
... that the two bodies discovered different tastes and appetites; that they would frequently disagree and quarrel, and sometimes would consult each other, and concert measures for the good of both; that when any hurt was done to the lower parts, each upper body felt pain; but that when the injury was above the junction, then one body only was affected. This Monster, he writes, lived twenty-eight years, but died wretchedly; one part expiring some days before the other, which, half-putrefied, pined away by degrees (King: 138-139).

Buffon menciona as gémeas húngaras Helena e Judite (1701-1723), que nasceram com os rins em comum, e que foram apresentadas por toda a Europa, antes de serem compradas por um padre que as levou para um convento em St. Petersburgo. Ambas desenvolveram personalidades bastante diferentes. A disposição mental de Judite (“*lourd et foible*”) contrastava com a alegria da bela Helena. A descrição de Buffon⁵ baseia-se num relatório entregue à London Royal

³ Este conto alerta também para os perigos da medicina (auto)experimental: “But when I slept, or when the virtue of the medicine wore off, I would leap almost without transition (for the pangs of transformation grew daily less marked) into the possession of a fancy brimming with images of terror, a soul boiling with causeless hatreds, and a body that seemed not strong enough to contain the raging energies of life.” (Stevenson, 1994, II: 162)

⁴ Os famosos gémeos siameses Chang e Eng (n. 1811) que actuaram com grande sucesso nos Circos de Ingall e de Barnum também desenvolveram inclinações e gostos opostos e uma antipatia mútua. Uma vez que a separação desejada não foi cirurgicamente possível, tiveram de ficar juntos até ao final da(s) vida(s) por razões de auto-sustentação. Ambos casaram e faleceram no mesmo dia. Chang deixou seis e Eng cinco crianças. (cf. o artigo de Geoffroy Saint-Hilaire, de 29/10/1836, no *Moniteur*.)

⁵ “Hélène devint grande et étoit fort droite; Judith fut plus petite et un peu bossue; elles étoient attachées par les reins, et pour se voir elles ne pouvoient tourner que la tête. Il n’y avoit qu’un anus commun; à les voir chacune par devant lorsqu’elles étoient arrêtées, on ne voyoit rien de différent des autres femmes. Comme l’anus étoit commun, il n’y avoit qu’un



Society por Justus-Johannes Tortos no dia 3 de Julho de 1757.

Generalizando esta natureza dupla e frequentemente antagônica dos “Koppelzwillinge” (exterior e interior) como “*conditio humana*”, Jean Paul retrata uma imagem do homem grotesca e cômica, mas com traços inquietantes. Contrário à convicção ainda defendida no Classicismo, o conflito interior não tem resolução ética ou moral, mas é um estado permanente. Muito antes dos conceitos de Freud, Rank e Jung que marcaram as abordagens para a interpretação do “duplo” até aos dias de hoje, o interesse neste fenômeno do “outro Eu” já era considerável. Francis Bacon no seu ensaio “*Essay of Simulation and Dissimulation*” (1597) ainda pressupõe um “Eu” homogêneo que, por vezes, tenta conscientemente esconder-se ou

dissimilar-se⁶. Em 1621 Robert Burton publicou a sua *Anatomy of Melancholy*, um compêndio medicinal que abrange as áreas da filosofia, literatura, teologia, astronomia, etc., no qual menciona conceitos diferentes da alma:

Some therefore make one *soul* [Aristóteles], divided into three principal faculties: others, three distinct *souls* (which question of late hath been much controverted by Picolomineus, and Zabarel): Paracelsus will have four souls, adding to the three granted faculties a *spiritual soul* ... (Burton, I: 134).

même besoin pour aller à la selle; mais pour le passage des urines cela étoit différent, chacune avoit ses besoins, ce qui leur occasionnoit de fréquentes querelles, parce que quand le besoin prenoit à la plus foible et que l'autre ne vouloit pas s'arrêter, celle-ci l'importoit malgré elle; ...” (Buffon, 1804, X: 323).

⁶ Bacon diferencia entre três tipos ou graus de dissimulação: “There be three degrees of this hiding and veiling of man's self. The first, closeness, reservation, and secrecy; when a man leaveth himself without observation, or without hold to be taken, what he is. The second, dissimulation, in the negative; when a man lets fall signs and arguments, that he is not, that he is. And the third, simulation, in the affirmative; when a man industriously and expressly feigns and pretends to be, that he is not.” (Bacon: 26).

Neste contexto descreve também “the Inward Senses”, distinguindo entre “common sense”, “phantasy” e “memory”:

... when the common sense resteth, the outward senses rest also. The phantasy alone is free, and his commander, reason: as appears by those imaginary dreams, which are of divers kinds, *natural, divine, demoniacal*, &c., which vary according humours, diet, actions, objects, ... (Burton, I: 140)

No final do século xvii, John Locke constatou que a alma pensa e se deleita enquanto o corpo está a dormir, sem que o homem tomasse consciência deste facto (*Essay Concerning Human Understanding*, 1690). O “exorcismus probativus” de Johann Joseph Gassner (1727-1779)⁷ e as experiências de Franz Anton Mesmers (1734-1815) só podiam reforçar a desconfiança perante um suposto Eu homogéneo, mas contribuíram pouco para o esclarecimento desta problemática. Após o entusiasmo provocado pela descoberta do Galvanismo⁸, que foi considerado a cura para muitas doenças e a ligação não só entre nervos e músculos, mas também entre corpo e alma, mais uma fase de desmistificação se iniciou com o Magnetismo. Gassner atribuiu fenómenos de personalidade múltipla ao diabo e aos demónios, enquanto Mesmer utilizava o Magnetismo animal, considerado o efeito de forças naturais de um “Fluidum”, no seu tratamento secularizado que implicava o sono magnético (“magnetischen Schlaf”) e sonambulismo artificial (“künstlichen Somnambulismus”)⁹. Estas técnicas revelaram vários estados de espírito e, em alguns pacientes, diferentes identidades. Todavia, a abordagem iluminista de Mesmer com o objectivo de integrar

⁷ No tratado de Gassner *Weise, fromm und gesund zu leben, auch gottselig zu sterben, oder nützlicher Unterricht, wider den Teufel zu streiten, etc.* (1774) distingue-se entre doenças naturais e sobrenaturais que, por sua vez são subdivididas em três categorias: “circumsessio (die vom Teufel hervorgerufene Nachahmung einer natürlichen Krankheit), obsessio (die Wirkung von Hexerei) und possessio – die seltenste der drei Arten – (offenkundige Teufelsbesessenheit).” (Ellenberger, 1996: 91). Para se proteger tanto do clero como dos médicos Gassner praticava um exorcismo preliminar (*exorcismus probativus*) para provocar o aparecimento dos sintomas da doença. Se estes surgissem, o verdadeiro exorcismo era iniciado, se não, o doente era entregue aos médicos.

⁸ No novo prefácio ampliado da edição do romance *Frankenstein* de 1831, Mary Shelley menciona explicitamente o Galvanismo como método do prometeico Frankenstein para criar vida o que implicava na época, a activação de forças vitais misteriosas através da electricidade.

⁹ A designação “Hypnotism” só foi introduzida no seu significado actual nos anos quarenta do século xix pelo cirurgião James Braid (1795-1860). Seguindo a abordagem de Mesmer, já o Abade José Custódio de Faria (1746-1819) de Goa abandonou a teoria do fluido magnético, realçando a importância da sugestão e da auto-sugestão. Alexandre Dumas integrou a figura ficcionalizada do Abade no seu romance *Le Comte de Monte-Cristo* (1844).

estes elementos irracionais numa teoria racional falhou na Alemanha numa altura quando ainda não se distinguia entre Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise. Mesmo assim, a Revista do Conhecimento Empírico sobre a Cura da Alma *Gnothi Sauton oder Magazin zur Erfahrungsseelenheilkunde* (1783-1793), fundado e editado por Carl Philipp Moritz teve um sucesso considerável durante uma década. Os seus colaboradores apresentavam a um público interessado assuntos de introspecção como a interpretação de sonhos, desejos “imorais” e inconscientes, paixões e loucura. Precursores literários para a exploração da vida interior eram os diários de Gellert (*Tagebuch aus dem Jahre 1761*) e Lavater (*Geheimes Tagebuch von einem Beobachter seiner Selbst* (1771-1773) e as escritas autobiográficas de Rousseau, publicadas postumamente em 1782. Nos *Materiellen für die Anthropologie* (1791), Eberhardt Gmelin descreve um caso de personalidade trocada [*umgetauschter Persönlichkeit*] de uma jovem alemã, que em estados psíquicos alternados revelava a linguagem e os comportamentos de uma dama francesa, sem posteriormente se recordar. Com um movimento da sua mão o “Magnetiseur” Gmelin conseguia que ela mudasse de uma personalidade para a outra. Também Reil investigou casos de personalidade múltipla, ligando-os com o fenómeno da fragmentação do Eu e do inconsciente, questionando-se como seria possível que o Eu conseguisse fragmentar-se em personagens que revelam elementos desconhecidos, completamente alheios à personalidade original: “Wie kann das nemliche Ich sich in Personen theilen, die aus ihm selbst Dinge hervorlangen, von denen es nicht weiss, dass sie in ihm waren und die es als fremde Weisheit anstaunt?” (Cf. Reil, 1803: 71-78 e 93-96)

Em países de expressão inglesa as duas personalidades antagónicas de Mary Reynolds que poderiam ter servido como pré-configuração do carácter ficcional de Jekyll/Hyde, fizeram correr muita tinta¹⁰.

O interesse de muitos autores nestes aspectos que se cruzam com várias áreas da medicina, levaram à elaboração de teorias. Referindo o meu estudo sobre o *Doppelgänger* como fantasia de fragmentação (Bär, 2005) o psiquiatra Thomas Dorfmeister relembra os quatro tipos de DMS (Delusional Misidentification Syndromes): Capgras-Syndrome, Fregoli-Syndrome, Intermetamorphosis, Syndrome of the “subjective Doppelgänger” (cf. Rentrop *et al.*, 2002)¹¹. No campo literário o relatório da visita de Matthias Claudius a um asilo de doentes mentais em 1792 e o livro de Foucault *Folie et déraison* (1961) levaram Joachim Metzner a sugerir que a origem da literatura fantástica coincidia

¹⁰ Supostamente mencionado pela primeira vez em 1815 por John K. Mitchel na revista *Medical Repository*; Robert Macnish, *The Philosophy of Sleep*, 3rd ed., Glasgow: W. R. M’Phun, 1836, p. 187; William S. Plumer, “Mary Reynolds: A Case of Double Consciousness”, *Harper’s New Monthly Magazine*, Vol. 20, 1859-1860, pp. 807-812.

¹¹ Thomas Dorfmeister, “Wahnhafte Missidentifikationssyndrome” (Universimed: <http://neurologie-psychiatrie.universimed.com/artikel/wahnhafte-missidentifikationssyndrome>).

com a marginalização e exclusão da loucura no final do século XVIII. Reclama que, com a implementação dos manicômios, tenha surgido um enorme potencial do fantástico, embora segregado como expressão da loucura, e a literatura do século XIX aproveitou-se deste potencial de uma forma socialmente aceita¹². Esta tese é tão questionável como a de Todorov que proclamou o fim da literatura fantástica devido às conclusões no campo da psicanálise de Freud e Rank:

La psychanalyse a remplacé (et par là même a rendu inutile) la littérature fantastique. On n'a pas besoin aujourd'hui d'avoir recours au diable pour parler d'un désir sexuel excessif, ni aux vampires pour désigner l'attirance exercée par les cadavres : la psychanalyse, et la littérature qui, directement ou indirectement, s'en inspire, en traitent en termes non déguisés. Les thèmes de la littérature fantastique sont devenus, littéralement, ceux-là mêmes des recherches psychologiques des cinquante dernières années. Nous en avons vu plusieurs illustrations ; il suffira de mentionner ici le double, par exemple, a été du temps de Freud déjà, le thème d'une étude classique (*Der Doppelgänger*, d'Otto Rank; traduit en français sous le titre : *Don Juan. Une étude sur le double*) ; ...” (Todorov: 169).

Todavia, não só a literatura fantástica, mas também *Anton Reiser, ein psychologischer Roman* (1785-1790), de Carl Philipp Moritz, fomenta a introspecção para focar e afiar o “olhar da alma nela própria” [*den Blick der Seele in sich selber schärfen*]. Nas suas conjecturas sobre alguns milagres do magnetismo orgânico (“Muthmassungen über einige Wunder des organischen Magnetismus”, 1813) o próprio Jean Paul tenta relacionar o Magnetismo com a loucura e com a morte. Analisou a dualidade do corpo e da alma [*menschliche Doppelwelt von Leib und Geist*] com a expectativa de que o Magnetismo conseguisse esclarecer o fenómeno dos chamados “fantasmas” [*Geistererscheinungen*]. Neste contexto, a experiência de magnetizar/hipnotizar é considerada um processo relativamente banal, quase mecânico, que evidencia o homem fragmentável¹³. Jean Paul experimentou a hipnose e até magnetizou amigos que sofriam de dores de

¹² “Sie war eine Reaktion auf die Verbannung jener Sprache der Verrücktheit, die aufgekklärten Zeitgenossen als “Gräuel”, als Sprachvergehen gegen Vernunft, Sitte und Moral erschien. Mit dem Asyl entstand so “eine gewaltige Reserve an Phantastischem, eine schlafende Welt von Monstren”, und die Literatur des 19. Jahrhunderts setzte diese angestaute Kraft in einer gesellschaftlich sanktionierten Form frei.”(Thomsen / Fischer, 1980: 83.)

¹³ “Nach allen Berichten liegen den innern Blicken der Magnetisierten ihre Körper gleichsam wie Uhrwerke in Kristallgehäusen durchsichtig mit dem ganzen Lebens-Triebwerke aufgedeckt und aufgestellt da, mit den Blut-Strömen der Adern, dem Gezweige der Nerven, und sie sehen (nach Wolfart) von innen sogar ihr Auge und von innen ihr Gehirn vor sich, und zergliedern sich selber lebendig vor dem Zergliederer.” (Jean Paul, 1827, IL: 5.)

dentos (cf. A. von Platen, Dez. 1823), mas esta técnica nem sempre foi utilizada altruisticamente na sua aplicação medicinal, como comprovam os feitos de Cagliostro (1743-1795), ou os contos de E. T. A. Hoffmanns (“Der Magnetiseur”, 1808) e E. A. Poe (“Mesmeric Revelation”, 1844; “The Facts in the Case of M. Valdemar”, 1845).

Mesmo assim, compete ao médico o papel do descobridor que na confrontação com o inconsciente assume uma grande responsabilidade. Segundo Jean Paul a empatia que se desenvolve entre médico e paciente pode também levar à conjectura de duas almas juntas¹⁴.

Não admira que E. T. A. Hoffmann utilize nas suas obras um vocabulário quase psicanalítico, porque conhecia as publicações de Mesmer e a *Symbolik des Traumes* (1821) de Schubert que eram uma das suas fontes primordiais (Sucher, 1912: 132-133). Semelhante à teoria de Schubert, Hoffmann defende a coexistência de uma alma individual (*Ich*) e um princípio psíquico alheio ligado à suposta “*Weltseele*” (*Selbst*) em qualquer homem. As afinidades de Hoffmann como um dos precursores literários da psicanálise devem ter induzido Freud a interpretar o seu conto “Der Sandmann” (1817) no ensaio “Das Unheimliche” (1919). Este estudo de caso também revelou novos aspectos do “Doppelgänger”, mas demonstra sobretudo a inspiração mútua entre a literatura e a medicina. Um ponto de encontro entre o motivo do duplo e a mão é certamente a lenda da menina de Rodenschild que Annette von Droste-Hülshoff adaptou numa balada (“Das Fräulein von Rodenschild”, 1841): quando a donzela toca o seu “Doppelgänger” (presságio da morte) com a mão, esta ficava para sempre fria como a de um cadáver. A partir dessa altura passou a usar sempre luvas.

As mãos, cujos atributos curativos são essenciais nas práticas de hipnose, também formam um instrumento que só na duplicação consegue a *performance* tanto de um oleiro, como do Prometeu – criando vasos ou homens. A ligação com a divindade e o divino parece ainda mais óbvia pelo facto da existência de uma crença de que o nosso destino individual pode ser lido nas palmas da mão onde a quiromância interpreta as linhas da vida. Outra crença popular foi registada nos *Kinder- und Hausmärchen* dos irmãos Grimm (KHM 117) sobre o título “Von einem eigensinnigen Kinde” (De uma criança teimosa, 1815). Segundo esta lenda Deus castigou uma criança desobediente com uma doença incurável. Após a sua morte, a mão dela saía do túmulo. Este ‘aviso’ para crianças malcriadas que batem nos seus pais já tinha sido mencionado por Hans Sachs e por Brentano (*Des Knaben Wunderhorn*, 1805). Desde Götz von Berlichingen (cf. a

¹⁴ “Mehr auffallend als das bis zu lebensgefährlichen Krämpfen gesteigerte Erfühlen unsittlicher Menschen und Neigungen ist das des Arztes Denken begleitende Mitdenken; wodurch wirklich die Annahme zweier Seelen in Einem verschmolzenen Aetherleib fast erzwungen wird.” (Jean Paul, 1827, IL: 25-26.)

peça homónima de Goethe, 1773) a Freddy Krueger (*A Nightmare on Elm Street*, 1984) ou *Edward Scissorhands* (1990) as próteses assumiram aspectos da personalidade de quem perdeu um indispensável membro. Os gestos sugestivos de juramento, aplauso e insulto até as saudações fascistas, não são menos significativos que a capacidade de comunicar e escrever com as mãos, mesmo na era digital.

Esta importância da mão reflecte-se em obras de arte, sobretudo e desde cedo na arte cinematográfica, que consegue como nenhuma outra apresentar o aspecto de “*pars pro toto*”, ou seja, a mão representa toda a individualidade e carácter (antagónico) de uma pessoa.

No filme mudo *Sombras – Uma Alucinação Nocturna* (*Schatten – eine nächtliche Halluzination*, 1923) de Artur Robison o teatro de sombras tem a função satírica de caracterizar as personagens e revelar os seus desejos e intenções ocultos. O título da versão americana (“*Warning Shadows*”) implica também o aspecto da premonição do bem conhecido *play within a play* como, por exemplo, em *Hamlet* de Shakespeare.



Este filme faz parte de um elenco notável de produções do Expressionismo cinematográfico que tematiza o inconsciente, o duplo, o sonambulismo, a hipnose (*Das Cabinet des Dr. Caligari*, Wiene, 1919; *Nosferatu – Eine Symphonie des Grauens*, Murnau, 1922; *Dr. Mabuse, der Spieler*, Lang, 1922; *Orlacs Hände*, 1924/25; *Die Geheimnisse einer Seele*, Pabst, 1925/26).

As *Mãos de Orlac* (*Orlacs Hände*, 1924/25) é uma produção em sete actos da companhia Wiener Pan-Film, realizado por Robert Wiene, cujo argumento de Ludwig Nerz se baseia num romance de Maurice Renard (trad. Norbert Jacques). Estreou no dia 31 de Janeiro de 1925 em Berlim, apresentado com o concerto de piano em B-Moll de Tchaikovsky.

No filme de terror de Wiene o famoso pianista Paul Orlac (Conrad Veidt) perde ambas as mãos num acidente de comboio. Um cirurgião transplanta-lhe as mãos do assassino Vasseur que há pouco tinha sido executado (Entre título): “Num corpo saudável habita um espírito saudável. Quando as suas mãos rege-

neram o seu espírito será revelado através da habilidade delas.”¹⁵ O doente fica com pesadelos, nos quais é ameaçado pelo assassino morto. No delírio receia que os mãos dele que agora são as suas, peçam “Sangue, ... Crime, ... Assassínio”. Orlac imagina que uma força fria, terrível e implacável emana das mãos, tomando posse do corpo inteiro e da sua alma¹⁶. Além disso, um estranho desconhecido persegue Orlac, reforçando os seus medos. Num pesadelo o pianista é perturbado pelo punho gigantesco do assassino e decide que “Estas mãos não devem tocar num ser vivo” [*Diese Hände dürfen kein Lebewesen berühren*]. Ficando alienado da sua esposa e de si próprio, até tocar piano se tornou impossível. Não reconhece nem a sua própria escrita, e perde a identidade. Orlac amaldiçoa as suas mãos e tenta em vão livrar-se delas durante uma consulta no médico: “Retira-me estas mãos. Não as quero, estas mãos horríveis!” [*Nehmen Sie mir die Hände wieder fort. Ich will sie nicht, diese schrecklichen Hände!* (entre título)].

O médico recusa e acalma o paciente: “Não são as mãos que regem o homem ... a cabeça, o coração dirigem o corpo ... também as mãos” [*Nicht die Hände beherrschen den Menschen ... der Kopf, das Herz leiten den Körper ... auch die Hände*].



Após o assassinio do rico pai de Orlac, que lhe tinha negado qualquer apoio, o pianista ficou sob suspeita. Até suspeita ser ele próprio o autor do crime. O responsável pela investigação comenta: “Vasseur já está morto há mais de um ano, mas as suas mãos ainda estão vivas” [*Vasseur ist schon über ein Jahr lang tot, aber seine Hände leben noch*]. Nessa altura, o estranho perseguidor desconhecido revela a sua identidade, alegando que era Vasseur. Através de chantagem tentou ficar com a herança de Orlac. Mas, no final da película, é oferecido ao espectador uma explicação racional e algo banal para esta trama surreal: o pianista foi vítima de uma intriga da sua criada e do seu amante, que falsificou as impressões digitais de Orlac na arma com luvas de borracha e cera.

Segundo a recensão da revista *Filmwelt* (5, 1925: 9) o realizador das *Mãos de Orlac* consegue reunir a acção de *suspense* com uma psicologia refinada e cenas de loucura de grande efeito. O *Kinematograph* (922, 19/10/1924) refere na página 13 a vida própria das “mãos criminosas” de Orlac que tocam uma “sinfonia do terror”, evocando conotações de *Nosferatu*. De facto, a descon-

¹⁵ “In einem gesunden Körper wohnt ein gesunder Geist. Wenn Ihre Hände heilen, wird Ihr Geist sich durch die Fertigkeit Ihrer Hände der Menschheit offenbaren.”

¹⁶ Entre título: “... ich fühle wie es aus euch heraufsteigt ... die Arme entlang ... bis hinein in die Seele ... kalt, furchtbar, unerbittlich ...”

fiança nas próprias mãos, que eram mãos artísticas, é transmitido pelo olhar expressivo do actor Conrad Veidt. No papel de Orlac esta estrela do ecrã mudo identifica as suas mãos como uma coisa alheia, estranha e ameaçadora, até ao ponto da total imersão na(s) identidade(s) assumida(s) no filme.



Ainda mais grotesco, embora no sentido cómico, é a luva com vida própria no filme *Yellow Submarine* (George Dunning, 1968), ou a mão que integra no sentido de “*pars pro toto*”, o elenco das personagens estranhas da ‘Addams Family’:

Thing T. Thing, referred to as just **Thing** (It’s also stated the T. stands for “Thing”), is a fictional character in the *The Addams Family*. Thing was originally portrayed as a whole person (always seen in the background watching the family, but never getting noticed or shown fully), but was changed to a disembodied hand for the television series. In Spanish-speaking countries he was named *Dedos* (“Fingers”) and in German-speaking countries “*das eiskalte Händchen*” (*the little ice-cold hand*); while in Portuguese-speaking countries he was named *Mãozinha* (“Little Hand”) when not called “Coisa” (“Thing”) and in Italian *Mano* (“Hand”).¹⁷



A Coisa (“Thing”) e o avô praticam o “braço de força”. Um episódio de *flash-back* revela que “Thing” esteve com a família Addams desde a infância de Gomez, sugerindo que é o filho de uma geração anterior de “criadas-de-servir” (hand-servants).

Na série da TV, baseada nas personagens de banda desenhada de Charles Addams (*The New Yorker*, 1938-1988) e no Filme *The Addams Family* (1991) a mão ganha autonomia e produz efeitos cómicos e grotescos, tal como passar charutos a Gomez Addams, acender um cigarro, mudar canais da televisão, segurar a lã de Morticia Addams enquanto esta está a fazer tricot, ou mudar discos no fonógrafo.

¹⁷ Cf.: [http://en.wikipedia.org/wiki/Thing_\(The_Addams_Family\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Thing_(The_Addams_Family)).



Morticia sempre apreciou os serviços do “Thing”, e a frase frequente “Thank you, Thing” ficou como uma das mais lembradas da série. A *Thing* não sabe falar, mas às vezes estala com os dedos para chamar a atenção. Também sabe comunicar através de sinais Morse, escrevendo, ou com a ajuda do alfabeto manual. Estas situações podem ser algo perturbantes para alguns convidados que visitam a casa dos Addams.

Obviamente, a mão e os dedos ganharam ainda mais relevo na era digital, mas para muitos, particularmente os Ingleses da minha geração, tem outra conotação. Diego Maradona, num jogo dos quartos-finais da Taça do Mundo em futebol (1986, Argentina/Inglaterra), instrumentalizou a “Mão de Deus”, alegando uma intervenção divina num golo decisivo, mas mal assinalado pelo árbitro.

Na conferência de imprensa após o jogo Maradona respondeu a perguntas sobre este golo irregular que deu a vitória à Argentina. Admitiu que foi marcado “a little with the head of Maradona and a little with the hand of God”.



Bibliografia

- BACON, Francis (s.d.), *The Essays or Counsels, Civil and Moral, of Francis Ld. Verulam*, Mount Vernon, New York: Peter Pauper Press.
- BÄR, Gerald (2005), *Das Motiv des Doppelgängers als Spaltungphantasie in der Literatur und im deutschen Stummfilm* (Internationale Forschungen zur Allgemeinen und Vergleichenden Literaturwissenschaft 84), Amsterdam/New York, NY: Rodopi.

- BUFFON, [Jacques de Sève] (1804), *Oeuvres complètes, Histoire Naturelle*, 11 Vols., Paris: Crapart, Caille et Ravier.
- BURTON, Robert (s.d.), *The Anatomy of Melancholy, What it is: With all the Kinds, Causes, Symptomes, Prognostickes, and Several Cures of it. In Three Maine Partitions with their several Sections, Members, and Subsections. Philosophically, Medicinally, Historically, Opened and Cut Up*, 2 Vols., Montana / USA: KessingerPublishing, LLC.
- DÖRNER, Klaus (1984), *Bürger und Irre: Zur Sozialgeschichte u. Wissenschaftssoziologie d. Psychiatrie*, Frankfurt/M.: Europäische Verlagsanstalt.
- ELLENBERGER, Henry. F. (1996), *Die Entdeckung des Unbewußten: Geschichte und Entwicklung der dynamischen Psychiatrie von den Anfängen bis zu Janet, Freud, Adler und Jung*, Bern: Diogenes Taschenbuch.
- JEAN PAUL [RICHTER] (1827), *Jean Paul's sämtliche Werke*, Vol. 49, Berlin: Reimer.
- KING, Edmund Fillingham (ed.) (s.d.). *Ten Thousand Wonderful Things comprising the Marvelous and Rare, Odd, Curious, Quaint Eccentric and Extraordinary in all Ages and Nations*, London: Ward and Lock.
- REIL, J. C. (1803), *Rhapsodien über die Anwendung der psychischen Curmethode auf Geisteszerstörungen*, Halle: Curt.
- STEVENSON, Robert Louis (1994), *The Complete Short Stories*, The Centenary Edition, 2 Vols., New York: Henry Holt and Co..
- SUCHER, Paul (1912), *Les sources du merveilleux chez E. T. A. Hoffmann*, Paris: Alcan.
- RENTROP, M., THEML, T., FÖRSTL, H. (2002), "Wahnhaftige Missidentifikationen. Klinik, Vorkommen und neuropsychologische Modelle" [Delusional misidentifications. Symptoms and neuropsychological models], *Fortschr Neurol Psychiatr*, 70, pp. 313-320.
- TAYLOR, John (2001), *Death & the Afterlife in Ancient Egypt* (London: The British Museum Press.
- THOMSEN, Christian W., FISCHER, Jens Malte, (org.) (1980), *Phantastik in Literatur und Kunst*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- TODOROV, Tzvetan (1970), *Introduction à la littérature fantastique*, Paris: Éditions du Seuil.